



ROTEIROS POSSÍVEIS

CRIANDO EXPOSIÇÕES
NO ESPAÇO DE
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA.

Angela Zanotelli Cagliari

Andréia Modrzejewski Zucolotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C131r Cagliari, Angela Zanotelli.

Roteiros possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica . / Angela Zanotelli Cagliari; coautora: Andréia Modrzejewski Zucolotto – Porto Alegre: 2020.

ISBN: 978-65-86734-33-1

Recurso Digital: Formato [material educativo]

Produto Educacional (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT. Porto Alegre, 2020. Coautora: Profª Drª. Andréia Modrzejewski Zucolotto

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Exposições. 3. Curadoria. I. Zucolotto, Andréia Modrzejewski. II. Título.

CDU: 377

Bibliotecário responsável: Filipe Xerxeneski da Silveira – CRB-10/1497



APRESEN. TAÇÃO

Este material educativo é destinado a educadores que querem trabalhar para além da sala de aula e de forma cooperativa com seus educandos. Permitir-se transformar e ser transformado é premissa para que a proposta do “Roteiros Possíveis” se concretize.

Faça deste guia uma possibilidade de desenvolver novas formas de aprendizagem e de significação do ensino. Crie brechas no cotidiano, dê espaço à contemplação. Use, transforme, adapte o guia às suas necessidades.

Aprender é uma aventura criadora!
Paulo Freire



O trabalho Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica de Angela Zanotelli Cagliari e Andréia Modrzejewski Zucolotto está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

O QUE É?

04

Roteiros Possíveis é um produto educacional que também pode ser chamado de material educativo, pois é um objeto que busca realizar a **mediação** entre o processo de ensinar-aprender, entre o educador e o educando, e está diretamente ligado ao contexto ao qual é aplicado¹. A intencionalidade da construção do material não o define como educativo, o fundamental para um material ser assim chamado é seu potencial de mudança, de transformar ou enriquecer a aprendizagem em algum nível, seja afetivo, conceitual ou atitudinal.

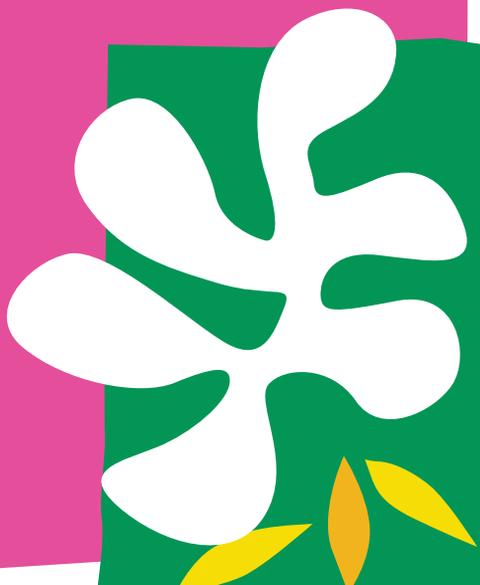
O guia Roteiros Possíveis é produto de uma pesquisa em ensino e educação, e conta com a parceria entre educadores e educandos para ser transformador, tornar-se educativo. Seu objetivo maior é contribuir para a formação integral dos sujeitos que fazem parte da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Contudo, esta proposta pode ser utilizada em outros níveis educacionais, como na educação básica em seus diferentes níveis. Ser interdisciplinar é de sua natureza, podendo qualquer área do conhecimento apropriar-se do Roteiros Possíveis.

¹ Para saber mais, ver: KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. Comunicação & Educação, n. 27, p. 46-60, 30 ago., 2003.

Nas próximas páginas, você entenderá como alguns recursos amplamente utilizados em **museus** podem ser transpostos para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de forma a valorizar o processo de ensino-aprendizagem dos que almejam uma **educação integral**. A ideia de **educação integral** busca incorporar no processo educativo todas as dimensões da vida dos educandos visando diminuir as diferenças históricas e sociais entre os oprimidos e os opressores com o objetivo de formar cidadãos críticos capazes de interferir em suas realidades. A educação aqui é pensada como emancipadora de sujeitos que em vez de fragmentados, sejam inteiros e compreendidos como seres históricos e sociais, participantes de um todo em um contexto também determinado sócio e historicamente.

Um glossário foi preparado para melhor compreensão de alguns termos “estrangeiros” à educação, além de sugestões de leitura e de exemplos de exposição e de desenho expositivo. **As palavras em negrito constam no glossário.**

A única condição exigida para colocar em prática as propostas do guia é permitir-se experimentar e experienciar situações novas e colaborativas dentro do *espaçotempo* da Educação Profissional e Tecnológica ou do seu contexto educacional.



COMO USÁ-LO?

Você, em conjunto com os educandos, será o curador (ver o termo curadoria no glossário). Dispa-se do controle do planejamento e proponha no grupo uma exposição com os materiais, trabalhos, registros de processos, entre outros, que foram realizados em sala de aula e vá para fora dela. Vocês, juntos, criarão uma exposição! Alguns exemplos são apresentados nas páginas finais do guia.

A ideia é utilizar o produto das próprias aulas, não criar novidades porque será feita uma mostra. Olhar com outras perspectivas o que já foi produzido é uma das propostas. Lembre-se: estamos no território das possibilidades. O mesmo

material resultante de algum processo em sala de aula, ou algum trabalho, quando apresentado, montado, exposto de forma diferente é passível de novas histórias, novas visões. Sair do reduto seguro que é delimitado pelas paredes da sala e mostrar o que se faz lá, “colocar no mundo”, pode ser uma experiência inovadora para você e seus educandos, pode inspirar e conduzir vocês e quem visita a novas reflexões e momentos de aprendizagem. E então, a **experiência estética** pode se dar nesse território.

Nos **museus**, as **exposições** constituem um instrumento-chave para permitir o acesso público aos seus acervos. Expor é uma forma de comunicar-se. O **museu** via exposição dialoga com seus visitantes, põe em prática sua vocação educativa. O Roteiros Possíveis, portanto, sugere que expor produções discentes ressignifica o processo educativo. Para isso, é preciso um olhar atento e criativo para que uma exposição possa estimular, surpreender e educar quem a produz e quem a visita, por acaso ou intencionalmente.

Expor os trabalhos e seus autores, no sentido de permitir a experiência em espaços para além da sala de aula, para além da mesma turma e do mesmo educador, possibilita novas leituras do eu no mundo e do mundo no eu de modo sensível. Aqui, chamaremos isso de **experiência estética**, que está ligada à ética e à ideia de **educação integral**, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos que integram o *espaçotempo* de EPT.

Os espaços ocupados pela produção discente em sala de aula ao saírem desse lugar próprio e encerrado pelas quatro paredes, tornam-se potentes territórios de transformação, de descoberta e significação do material exposto para os que visitam a mostra e de ressignificação para os produtores do que é exposto. Assim, pode-se sugerir que criar exposições a serem apresentadas fora da sala de aula, permite uma nova experiência, um deslocamento no modo de ser dos sujeitos que expõem, nos sujeitos que experenciam o que está exposto.

Como parte das dimensões que constituem o ser humano, a experiência estética na educação pode promover aberturas para compreender o outro ao acessar novas interpretações do eu no mundo e do mundo em mim, como já mencionado. A proposta do guia é, ao desenvolver exposições, criar provocações, situações novas para dar condições ao desenvolvimento de homens e mulheres críticos, que possam realizar novas interpretações de si em determinados contextos. Portanto, vamos considerar educadores e educandos como espaço de passagem, como um território sensível – que pode ser de chegada, de trânsito ou de acontecimento – que é possível quando nos permitimos ser espaços sensíveis².

²LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.



POR QUE USÁ-LO?

A pesquisa proposta não busca o aprofundamento técnico nos estudos museais, mas sim uma aproximação entre seus processos e a escola³.

Em um exercício de reflexão, pergunte-se a si mesmo, enquanto educador: quantas vezes você já expôs trabalhos de educandos em murais da escola? Quantas exposições de alunos dentro do espaço escolar já foram vistas por você e quantas chamaram a sua atenção? Agora acesse suas memórias de seus tempos de estudante e reflita: alguma mostra de trabalhos, alguma exposição escolar foi marcante para você? Será que a produção dos educandos costuma ser subvalorizada?

Um ou outro mural com trabalhos em folhas tamanho A4 pendurados - sem critério explícito, talvez apenas em ordem alfabética, alguns cartazes em papel pardo e cartolinas amassadas são vistos com frequência no ambiente da escola. Quanto mais o ensino avança para os educandos, mais individuais são as avaliações e todo o processo educativo. No cotidiano escolar, pouco se reflete sobre como mostrar o que os estudantes fazem para além da avaliação dos professores em sala de aula. Por que

não mostrar processos? Por que não fazer uma exposição fotográfica com os registros da aula de laboratório? Por que não expor desenhos, textos, maquetes? Por que não criar formas de **comunicação** que extrapolem as quatro paredes da sala de aula?

Se estamos falando do contexto da EPT, da formação de homens e mulheres sendo preparados para o mundo do trabalho, podemos acreditar no diálogo interdisciplinar próprio da educação e também da **museologia**, para transpor os processos utilizados em **museus** para o espaço da Educação Profissional e Tecnológica, com suas devidas adaptações, com a finalidade de colaborar para o desenvolvimento integral dos sujeitos da educação profissional e tecnológica.

A educação implica em ética e **estética** de modo indissociável e, ao fazer isso, defendemos uma **educação integral** que busque superar as dicotomias historicamente dadas no mundo do trabalho entre os que executam e os que pensam - os oprimidos e os opressores, proporcionando **experiências estéticas** que potencialmente contribuirão para essa formação integral humana. Não é objetivo do guia Roteiros Possíveis vincular a **experiência estética** apenas ao ensino das linguagens artísticas, aqui – sustenta-se que a estética é parte fundamental na formação integral de seres humanos livres, sendo um tema transversal no processo educativo.

PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a Experiência Estética. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, n. 18, p. 111-123, dez. 2011.

³ O termo escolar nessa pesquisa refere-se ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).



ROTEIROS

10

Há vários elementos que interferem na recepção de uma **exposição**, ou seja, na **comunicação** entre o que se mostra, a forma como se mostra e quem visita o que é mostrado. Desde elementos visuais como a cor do espaço expositivo e a iluminação até o som, a altura ou disposição dos objetos no espaço, os textos de apresentação, entre outros: tudo influencia a nossa percepção e deve ser pensado quando uma mostra é concebida.

Criar situações expositivas é algo que se aprende fazendo, se melhora com a prática, com a conquista de repertórios estéticos que vão sendo acumulados ao longo do tempo. O fundamental é ter claro qual é o objetivo da **exposição**.

Você pode, enquanto curador, decidir se a **exposição** terá como ponto de partida um tema ou processos de trabalhos. Normalmente, uma **exposição** é mais interessante quando pensada a partir de uma temática. Por exemplo: seus educandos estão realizando uma atividade prática no laboratório de química. O objetivo da aula é o estudo de funções inorgânicas. Você pode sugerir ao grupo que registrem através da fotografia ou vídeos as reações. Na hora de expor, pode-se montar um mural com as imagens e os compostos na forma pura e em produtos do uso cotidiano.

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DE UMA EXPOSIÇÃO

Este é um momento importante de planejamento, hora de colocar as ideias no papel. Uma **exposição** interessante é uma **exposição** bem planejada. Você pode utilizar as sugestões abaixo como orientação para elaborar o seu plano expositivo:

1. Selecionar o tema a ser exibido, que seja preferencialmente de interesse direto dos estudantes/da comunidade. A definição da temática dará coerência à **exposição**.

3. Definir o número de objetos/trabalhos a serem expostos.

2. Definido o tema, selecionar os objetos/materiais que farão parte da **exposição**. Você pode optar por expor trabalhos terminados, registros de processos em fotografia ou vídeo, esboços, objetos de uso em aula (como equipamentos de laboratório), entre outros, não há definições e limites, tudo vai depender dos recursos disponíveis.

4. Listar e providenciar com antecedência os equipamentos e utensílios a serem utilizados na montagem conforme o material que será exposto. Exemplo, se tratando de **exposição** de materiais de papel: fio de nylon, tesoura, estilete e o que mais for necessário, tomando cuidado com fitas adesivas que não devem entrar em contato com as peças. Além disso, é necessário providenciar móveis e outros equipamentos que forem necessários, como mesas, murais, escada, ferramentas para fixação do que será mostrado. Verificar a disponibilidade de tomadas e iluminação do local.

5. Planejar a disposição da **exposição**, ou seja, fazer o desenho (a planta baixa) da **exposição** de modo a visualizar o espaço a ser ocupado e o espaço para circulação do visitante. Aqui, você não precisa ser um especialista, esta etapa serve, acima de tudo, como orientação espacial e para você conhecer melhor o local que será ocupado.

12

6. Elaborar material para divulgação da mostra. Atenção para uso de texto claro e curto contendo as informações fundamentais da mostra: data, local, participantes, apoio, descrição do evento, etc.

A seguir, são dados alguns exemplos de como criar uma **exposição**. São sugestões pensadas a partir de quatro cursos ofertados na EPT como forma de exemplificar a proposta deste material educativo. A estes exemplos, daremos o nome de Roteiros.



ROTEIRO 1:

ÁREA:
TÉCNICO EM
BIBLIOTECONOMIA.

TEMA:
PRESERVAÇÃO E
CONSERVAÇÃO DE LIVROS

OBJETIVO DA EXPOSIÇÃO: destacar a temática de preservação e conservação de acervos bibliográficos para divulgar as ações desenvolvidas na disciplina de Preservação e Conservação de Acervos Bibliográficos no tocante ao cuidado e manutenção de livros de papel e afins.

OBJETOS/TRABALHOS A SEREM EXPOSTOS:

- Livros antes/depois de serem recuperados
- Equipamentos utilizados na conservação e manutenção de livros.
- Material textual escrito pelos estudantes com dicas de conservação e curiosidades.
- Pannel com texto e fotos (com textos teóricos simplificados, fotografias de método de restauro, fotografias dos alunos em aula prática).

DIVULGAÇÃO/PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURUI



CARLOS SODRÉ / AG. PARÁ



DIVULGAÇÃO/PREFEITURA DE PARÁ DE MINAS



DIVULGAÇÃO/BIBLIOTECA NACIONAL

ROTEIRO 2:

ÁREA:

TÉCNICO EM
PANIFICAÇÃO.

TEMA:

MASSAS FERMENTADAS.

OBJETIVO DA EXPOSIÇÃO: apresentar processos de panificação da disciplina de massas fermentadas. Exibir diversos métodos de elaboração de pães.

OBJETOS/TRABALHOS A SEREM EXPOSTOS:

- Com o que se faz pão: mostruário de ingredientes e suas composições. Material textual sobre as funções do sal, da água, do glúten nas preparações.
- Como se faz pão: vídeos e fotos da padaria.
- Bancada com mostruário de ingredientes.
- Estudante-**mediadores** com amostras de pães fermentados. Pode haver uma demonstração de modelagem de massas fermentadas, pães internacionais, apresentação de receitas.



ROTEIRO 3:

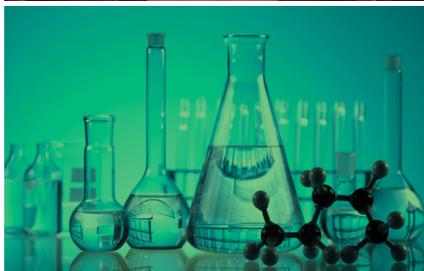
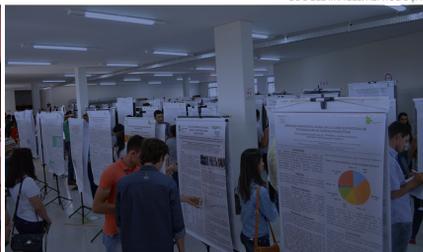
ÁREA:
TÉCNICO EM QUÍMICA.

TEMA:
QUÍMICA NA SOCIEDADE.

OBJETIVO DA EXPOSIÇÃO: relacionar conhecimentos em laboratório com o cotidiano. Expor registros fotográficos de experimentos realizados por estudantes das disciplinas de Química Analítica (Qualitativa ou Quantitativa) feitos em laboratório associando ao dia a dia das pessoas.

OBJETOS/TRABALHOS A SEREM EXPOSTOS:

- Fotografias de processos em laboratório de técnicas variadas.
- Esquema textual explicando o que são as análises ali apresentadas e como se relacionam com o cotidiano das pessoas.
- Apresentação de alimentos e medicamentos (embalagens) que contêm o analito estudado, como um mostruário, com etiquetas descritivas.



ESQUEMATIZE AQUI SUA EXPOSIÇÃO:



CHECK-LIST

- Definição do tema
- Seleção dos objetos/materiais expositivos
- Recursos financeiros disponíveis
- Recursos materiais necessários
- Definição do número de objetos a serem expostos
- Listagem de equipamentos e utensílios para a montagem
- Verificação de uso do espaço
- Necessidades técnicas de energia
- Disposição do que será exibido no espaço (planta baixa)
- Comunicação: material para divulgação da mostra e textos informativos
- Avaliação da exposição (pontos positivos e negativos)

GLOSSÁRIO

COLEÇÃO

Pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais agrupados e classificados segundo critérios estabelecidos por um indivíduo ou uma instituição.

Para saber mais:

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

COMUNICAÇÃO EM MUSEUS

Diz respeito a educar e a expor. A comunicação se realiza na interação entre a exposição (o que é mostrado) e o público que a visita (o que é visto).

Para saber mais:

CURY, Marília Xavier. Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica da recepção. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. Ciências e Letras (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 31, 2002.

CURADORIA

É o conjunto de ações teóricas e práticas em torno dos materiais que serão expostos. A curadoria está associada ao discurso do museu e suas posições em relação ao assunto abordado na exposição. Quem realiza essas ações é o(a) especialista chamado(a) de curador(a).

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Caracteriza uma educação como sendo aquela que quer tornar inteiro o processo educativo em educação profissional e tecnológica, que busca diminuir os espaços existentes entre as dimensões técnica e intelectual defendendo que a educação é um processo que visa a autonomia e a liberdade dos sujeitos, e não a sua conformação. A educação integral visa a formação humana para a emancipação e autonomia dos seus sujeitos, que se realiza nas relações sociais, na articulação entre saberes práticos e teóricos, e dentro desses saberes está a educação sensível.

Para saber mais:

RAMOS, Marise. Políticas e diretrizes para educação profissional no Brasil. Instituto Federal do Paraná: Curitiba, 2011.

ESPAÇOTEMPO

Este termo escrito assim, junto, foi criado por Nilda Alves a partir de seus estudos sobre o cotidiano escolar como espaçotempo do saber e da criação. Usa-se espaçotempo para diminuir a dicotomia entre o espaço e o tempo escolares, que para a autora, não podem ser separados e fazem parte do universo sobre/com/no cotidiano da educação.

Para saber mais:

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, Ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200005&lng=en&nrm=iso

ESTÉTICA

Estética goza de diversas definições que variam conforme o cenário histórico. O primeiro a teorizar o conceito foi Alexander Baumgarten em 1850, que defendia a estética como área de estudo do conhecimento sensível. Estética tem origem no grego *aisthesis*, significando sensação, sensibilidade, conhecimento sensível-sensorial.

Para saber mais:

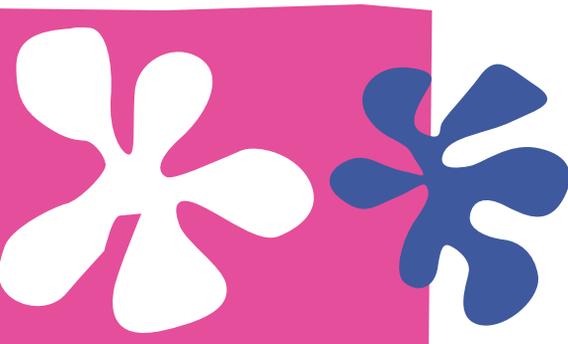
HERMANN, Nadja. Ética e estética: a relação quase esquecida. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Experiência estética é uma oportunidade, uma possibilidade de abertura a novas interpretações do sujeito no mundo e do mundo no sujeito. As forças da imaginação e do sensível devem ocupar o lugar de conceitos e métodos científicos radicais. A experiência estética é uma estratégia capaz de tornar a vida cotidiana menos rígida e trivial ao jogar luz no diferente, no inesperado e assim, nos transforma e nos permite perceber o outro, atitude rara hoje. Todavia, é preciso interpretar a experiência estética exatamente pelo sensível, pois a mesma não é compreensível pelo intelecto, o objeto dessa experiência – o que é perceptível – pode ser, porém a experiência está no sujeito, na modificação do seu entorno, e não na situação ou coisa.

Para saber mais:

PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a Experiência Estética. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, n. 18, p. 111-123, dez. 2011.



EXPOSIÇÃO

É um fenômeno que ocorre dentro do museu, mas no nosso caso, se dá no espaço de EPT, voltado para um público-alvo, que deve ser determinado a partir dos objetivos da mostra, pelo curador. Uma exposição é uma comunicação baseada em materiais, objetos, imagens, textos que juntos formam um corpo de intenções. O objeto exposto, isoladamente, pode não ser interessante, mas em seu contexto torna-se instigante. Ou seja, o assunto da exposição é tão importante quanto o que será exposto, pois a temática e os objetivos da mostra definirão novas interpretações dos materiais naquele contexto.

Para saber mais:

Museums and Galleries Commission; Planejamento de Exposições São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. - (Série Museologia, 2) Disponível em: http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro2.pdf

EXPOGRAFIA

Podemos chamá-la de forma ou desenho da exposição. A expografia é realizada por uma equipe que planeja, pesquisa métodos e técnicas para materializar as ideias da curadoria, a expografia operacionaliza a mostra.

MEDIAÇÃO, MEDIADOR

Mediação é o ato de negociar o entre, entre o museu e as pessoas, entre a exposição e os visitantes e as relações entre o que se mostra e o cotidiano de quem experencia uma exposição. Mediar algo é por em acordo o que é exposto e o público visitante. A mediação em museus é parte fundamental da ação educativa, que pode ser realizada no diálogo, na conversa entre mediador e visitante ou por meio de outros recursos, como o material educativo, normalmente em forma de texto, vídeo, áudio-guia, etc.

MUSEOLOGIA

O termo museologia é compreendido como disciplina humana aplicada, em formação e em constante renovação, que pode ser entendida como o estudo crítico da instituição museu e suas relações, e especialmente daquela entre homens e mulheres e suas comunicações com diferentes realidades. A museologia é uma ação social e cultural, que almeja o desenvolvimento da cidadania associada às ações de comunicação do museu.

MUSEU

O termo “museu” passou por diversas concepções ao longo dos séculos, de templo de musas em sua origem grega até a ideia de museu virtual na atualidade. Aqui, nos concentraremos no conceito de museu como instrumento concebido por homens e mulheres para a compreensão da interdependência entre a humanidade e a realidade, entre o social, o natural e o estético e o desenvolvimento humano associados aos processos museológicos de conservação, pesquisa e comunicação, ou seja, o museu com função social (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013; SANTOS, 2002). Para Cury (2013), a atuação do museu é na perspectiva da cidadania cultural. Enquanto instituição, possui postura argumentativa, defende pontos de vista, posições políticas, jamais é neutra, assim como a instituição escolar. A partir da segunda metade do século XX começa-se a questionar a missão social dos museus e a partir disso refletir sobre como a museologia pode interferir nas práticas sociais, afirmando o caráter social e interdisciplinar dos museus.

Para saber mais:

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

PATRIMÔNIO

De origem natural ou criado pela humanidade, considera-se patrimônio um objeto ou um conjunto material ou imaterial, que é apropriado pela coletividade como um testemunho histórico-cultural dos seres humanos em seus meios específicos. Esses bens ou valores são preservados e transmitidos para outras gerações através de objetos, práticas e conhecimentos.

VERNISSAGE

Sinônimo de abertura ou inauguração de uma exposição, geralmente de arte. O termo surgiu no século XVIII e vem do francês, significando envernizamento, referente aos ajustes finais de uma obra ou conjunto de obras artísticas. O termo pode ser usado para aberturas de exposições individuais ou coletivas.



REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, Ago. 2003.

ClAVATTA, M. Formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. In: FRIGOTTO, G.; ClAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica da recepção**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino em Re-Vista**, v. 20, n. 1, p. 13-28, jan./jun. 2013.

_____. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 9a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

_____. Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética.

Revista Educação e Realidade. 27(1): 11-26. Jan/jun. 2002.

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, n. 27, p. 46-60, 30 ago. 2003.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

MOURA, Dante H.. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **HOLOS**, [S.l.], v. 2, p. 4-30, mar. 2008.

_____. Ensino Médio e educação profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. In: MOLL, Jaqueline. **Educação profissional e tecnológica no Brasil**

contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre : Artmed, 2010

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. **Planejamento de Exposições**. São Paulo:

Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. (Série Museologia, 2)

PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a Experiência Estética. **Revista**

Lusófona de Educação, América do Norte, n. 18, p. 111-123, dez. 2011.

RAMOS, Marise. **Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz; UFRJ, 2010.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. **Ciências e Letras (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 31, 2002.



